



## VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NA PROSTITUIÇÃO

Tatiana Machiavelli Carmo Souza<sup>1</sup>  
Nilva Menezes de Carvalho<sup>2</sup>

### Resumo

Investigou-se as violências contra mulheres no contexto da prostituição em Goiás/GO. Foi realizada pesquisa qualitativa. A amostra foi composta por cinco participantes. Foram realizadas entrevistas semidirigidas, áudiogravadas, transcritas na íntegra e analisadas à luz dos núcleos de significação. Percebeu-se que as principais violências eram de ordem implícita e se constituíam em humilhações, opressões e desqualificações pela condição de mulher e pelos estigmas presentes na prostituição. Observou-se, ainda, violência simbólica no manejo das emoções originadas pela prostituição, especialmente, no esforço das entrevistadas em não entrarem em contato com as próprias emoções.

**Palavras-chave:** Profissional do sexo. Violência de gênero. Mulher.

### Introdução


A prostituição se constrói no desequilíbrio entre o poder masculino e a mulher que aluga seu corpo. A relação comercial que se estabelece com a prostituição é marcada por opressões e violências. Governos, cafetões e usuários da prostituição legitimam as agressões, justificando que são consequências da profissão. Infelizmente, esse discurso é apropriado pelas prostitutas, que acreditam que a violência pertence à profissão (FARLEY, 2016). As agressões sofridas pelas prostitutas são em razão da profissão e pelo fato de serem mulheres, pois, o exercício da profissão coloca o corpo como mercadoria (BRASIL, 2012).

Mesmo sendo considerada a profissão mais antiga do mundo, a sociedade infringe preconceitos e violências contra prostitutas, pois elas negam as normas e os padrões socialmente pré-estabelecidos (MURRAY, 2012). A marginalização advém da falta de legalização da profissão, expondo as mulheres a riscos e impedindo o acesso a direitos básicos como justiça, saúde, inclusão social, cobrança pelos serviços proporcionados e aposentadoria (PEREIRA; FEIJÓ, 2014). Sucessivos fatos históricos como a disseminação de doenças – a sífilis, a tuberculose e as venéreas – e a fragilidade frente às doenças sexualmente

<sup>1</sup> Professora no Curso de Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Psicologia, Doutora em Serviço Social, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, [tatimachiavelli@yahoo.com.br](mailto:tatimachiavelli@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Psicóloga, Universidade Federal de Goiás/ Regional Jataí, [nilvamcps@hotmail.com](mailto:nilvamcps@hotmail.com).





transmissíveis (ARAÚJO; BANDEIRA; SILVA, 2016), deram origem aos mecanismos de discriminação frente à prostituição (DINIZ; QUEIROZ, 2008).

As violências no cenário da prostituição são múltiplas e constantes: parcela das prostitutas não escolhem os clientes, são aliciadas por cafetões e cafetinas, são obrigadas a oferecerem seus serviços a diferentes pessoas. Ademais, as prostitutas não sofrem somente violências físicas, mas, estão expostas a todo tipo de violências como tráfico, estupros, abusos sexuais, roubos e a violência psicológica perpetrada por meio de humilhações, desqualificação, ofensas verbais e morais (MOREIRA; MONTEIRO, 2009).

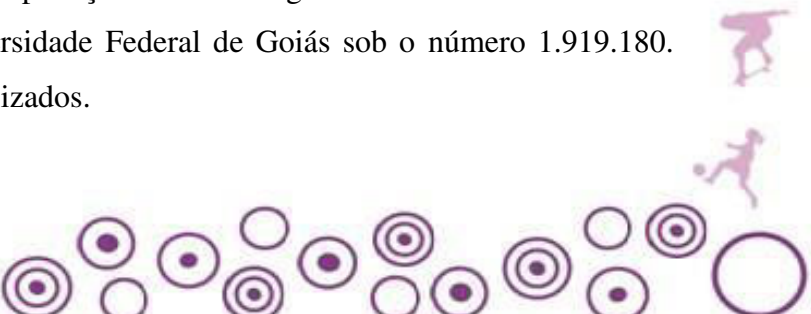
Dentre as formas de violência psicológica a que as prostitutas estão sujeitas, está a tentativa de separar sexo de prazer, na pretensão de desvincular mente e corpo. A realidade da atividade prostitucional ocasiona diversas consequências na vida emocional das prostitutas levando muitas a se privarem de sentimentos e emoções, comprometendo os relacionamentos que possuem fora deste ambiente e originando, desse modo, comprometimento na vivência da sexualidade e na dimensão subjetiva (DINIZ; QUEIROZ, 2008).


Pesquisa realizada em cinco países (USA, UK, Índia, Camboja e Escócia) verificou que homens que pagam por serviços de prostitutas se recusam a ver a própria participação nas expressões de violência, como a desumanização e objetificação das mulheres, as humilhações, o assédio verbal, físico e sexual (FARLEY, 2016). A objetificação e mercantilização do corpo motivam as violências que as prostitutas sofrem, uma vez que a mulher é transformada em objeto, a exploração e abuso parecem naturais. Homens justificam que quando pagam por sexo, o dinheiro gasto garante o direito de evitar pensamentos sobre o impacto da prostituição na vida das prostitutas. Além disso, indicam que a prostituição permite experiências que seriam incapazes de vivenciar com uma mulher que não a prostituta (FARLEY, 2016).

Partindo desses aspectos, a pesquisa buscou investigar as violências contra mulheres no contexto da prostituição no cenário goiano. De modo específicos, almejou aprofundar o estudo sobre o conceito de violência contra mulheres e conhecer os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos que contribuem para a perpetuação das violências na prostituição.

## **Metodologia**

Trata-se de pesquisa qualitativa realizada em Goiás/GO. O estudo é um recorte da pesquisa “Violência, Gênero e Família: Implicações na Psicologia e Sociedade” e conta com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás sob o número 1.919.180. Todos os procedimentos éticos foram realizados.





A amostra foi composta por cinco participantes. Como critérios de inclusão foram selecionadas pessoas do gênero feminino, heterossexuais, maiores de dezoito anos e que estavam trabalhando na prostituição. Para a obtenção de dados, foram realizadas entrevistas semidirigidas, áudiogravadas e transcritas na íntegra.

Os dados foram analisados à luz dos núcleos de significação. Nessa modalidade de análise “cabe ao pesquisador ir em busca dos temas/conteúdos/questões centrais apresentados pelo sujeito, entendidos assim menos pela frequência e mais por ser aqueles que motivam, geram emoções e envolvimento” (AGUIAR, 2001, p. 135).

### **Resultados e discussão**

As participantes se autodenominaram de cor amarela - em decorrência da cor da pele e não pelo país de origem. Tinham idades entre 20 e 33 anos, eram solteiras, 4 possuíam dois filhos e apenas uma não era mãe. Apresentavam renda mensal entre um a seis salários mínimos e tinham a prostituição como única fonte de renda. Com referência à religião, 4 eram evangélicas e uma simpatizante do espiritismo. Possuíam baixo nível de escolaridade: 3 tinham ensino médio incompleto, 1 ensino fundamental incompleto e 1 ensino médio completo. Quanto ao uso de psicotrópicos, 2 não faziam uso de nenhuma substância, 2 usavam maconha e 1 consumia bebida alcoólica esporadicamente.


As participantes não se percebiam inseridas em um contexto violento, limitando o significado de violência apenas às agressões físicas ou xingamentos. Afirmavam que aconteciam muitas violências na profissão, entretanto, não se viam vivenciando-as. Diziam que escutavam histórias de violências de outras garotas, que as agressões aconteciam em outros períodos do dia e em outros locais, não se reconheciam em um ambiente hostil.

*[...] Aí qualquer motivo já é motivo de agredir uma menina né, mais é mais a noite, durante o dia não tem [referindo-se à violência](Merida).*

*Tipo assim, meninas aqui já contaram que aconteceu só de assalto assim, mais pra cliente, maltratar fazer alguma coisa eu nunca ouvi falar não (Monique).*

Verificou-se que as principais violências se constituíam de modo implícito, como precisar se afastar do papel tradicionalmente imposto à mulher imposto pela sociedade para conseguir atuar profissionalmente. Apontaram que características como ser delicada, singela, carinhosa não condiziam com a profissão de prostituta e não eram bem vistas pelos clientes. Descreveram recursos socioafetivos utilizados para não se envolverem afetivamente e emocionalmente com seus clientes, como não beijar na boca, não pensar nos clientes com quem havia saído no dia anterior, não expressar carinho ou sentir raiva, pois, para





participantes as práticas que expressavam afeto deveriam ser dirigidas apenas aos relacionamentos pessoais.

*[...] Eu só evito essa parte do beijo porque eu acho que é muito forte né [...]Porque você pode começar a se envolver [...]Tanto eu quanto a pessoa né (Merida).*

*[...] Eu esqueço completamente, qual que foi os clientes, eu tenho que forçar, sabe, muito minha cabeça pra mim lembrar qual foi (Sabrina).*

*Nem sentimentalmente nem fisicamente mesmo, eu não beijo ninguém, nem por dinheiro. Eu cheguei, eu ofereço dinheiro, não quero não, não beijo na boca de ninguém (Michelle).*

As prostitutas acreditam conseguir separar amor e sexo no exercício da sua profissão, demarcando limites para isso. Usualmente, ir além desses limites indica falta de profissionalismo e negação dessa distinção. Essa dissociação reforça os estigmas atribuídos à profissão, já que vai contra os padrões estabelecidos para a sexualidade feminina, voltados à procriação (DINIZ; QUEIROZ, 2008).

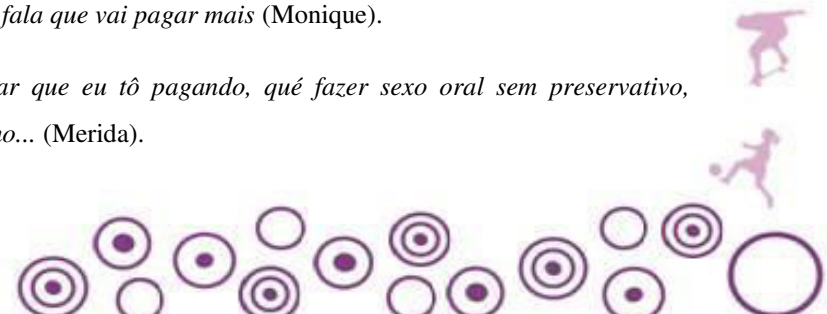
O esforço de evitar vínculos afetivos com os clientes colocava as entrevistadas numa situação hostil, fazendo com que elas elaborem estratégias para a dissociação entre corpo e mente, como se isso fosse possível. A tentativa de evitar sentimentos pode ser compreendida como violência psicológica. Esse tipo de situação a que estão expostas diariamente pode acarretar danos em suas estruturas psíquicas.

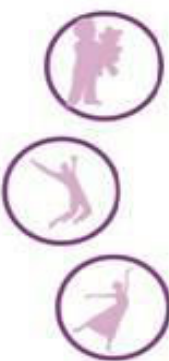
É interessante mencionar que o uso da camisinha foi outra prática assumida pelas participantes para se protegerem não somente de doenças, mas do contato íntimo, servindo de mecanismo de proteção à saúde física e emocional. O preservativo, para elas, criaria uma barreira física e afetiva na prática sexual. As entrevistadas disseram que os clientes continuamente tentavam recusar o uso da camisinha justificando que, por estarem pagando, possuíam esse direito; também tentavam aumentar o preço para forçar o não uso. Entretanto, as entrevistadas não se dispunham independentemente da oferta financeira, revelando que a venda do seu corpo tinha limites. Embora os clientes não as obrigassem a dispensar o preservativo, essa tentativa causava constrangimento e incômodo nas participantes.

*Pede, aí sexo anal, sexo sem camisinha, sempre pede, mais eu não faço, entendeu?(Sabrina).*

*Eles pede, mais é.... fala que vai pagar mais (Monique).*

*É...Então quer achar que eu tô pagando, qué fazer sexo oral sem preservativo, é.....até o sexo mesmo... (Merida).*





É importante destacar que homens que pagam por sexo, entendem que também pagam pelo direito de não pensar nos danos que podem estar causando às prostitutas, ou seja, não possuem empatia com as mulheres. Não pensam que as prostitutas podem manifestar desejos ou não concordarem com algum pedido; entendem que a satisfação sexual deles é uma função delas (FARLEY, 2016).

As participantes percebiam a prostituição como uma atividade comercial, nesse caso, antes de iniciar o ato sexual, explicavam para os clientes os serviços oferecidos, em outras palavras, esclareciam quais práticas seriam comercializadas. Ao fazer isso, percebeu-se que elas participantes construíram formas de proteção, uma vez que deixavam evidente o que estavam vendendo. Buscavam a conscientização dos usuários sobre as atividades sexuais que estavam sendo compradas, uma forma de evitar tentativas de violências físicas e psicológicas, tornando mais protegida a comercialização do sexo.

*Porque tudo tem um processo antes, tem que ter aquele processo se não, não dá certo não (Monique).*

*Tem que conversar, explicar como é que é, o que pode e o que não.... aí eles vai.... respeita certinho, agora sem conversar, chega lá eles que fazer mais do que o certo (Michelle).*

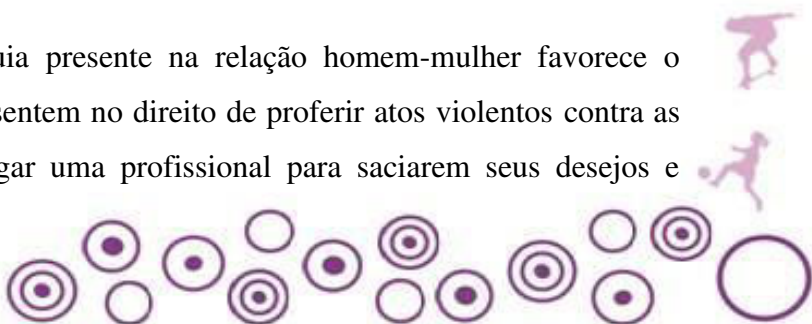
As desigualdades de gênero do sistema machista e patriarcal propiciam as violências contra mulheres, sobretudo no contexto da prostituição, pois, existe um conflito de poder. As participantes demonstraram que os clientes expressavam estar em uma posição de domínio, exigindo práticas e quando não obtinham êxito, tentavam ridicularizá-las, em condição de submissão.

*Aí....tipo....né... querê humilhar a gente né, tipo ah.... tô pagando né, as vezes que obrigar gente a fazer coisas que a gente não qué, qué fazer sexo oral sem camisinha né (Merida).*


*Eles pede, mais é [...] fala que vai pagar mais (Michelle).*

*Que às vezes o homem pensa que.....se tá pagando o programa ele tem o direito de fazer e falar o que quer, mais não é bem assim, somos seres humanos da mesma forma né [...] A pessoa querer humilhar a gente, porque a gente tá num lugar desse, isso as vezes.... em mim dói mais do que né.... se fosse uma agressão física [...] (Merida)*

No sistema patriarcal a hierarquia presente na relação homem-mulher favorece o gênero masculino, visto que homens se sentem no direito de proferir atos violentos contra as mulheres. Ademais, homens tentam pagar uma profissional para saciarem seus desejos e







fantasias com encenação; desejos estes que não foram satisfeitos em outros relacionamentos com namoradas, esposas ou “ficantes” (FARLEY, 2016).

### **Considerações finais**

O estudo investigou as violências contra mulheres no contexto da prostituição no cenário goiano. As violências contra mulheres em contexto de prostituição tem sido socialmente invisibilizadas dada a marginalização e os inúmeros preconceitos que circundam essa profissão, dentro outros fatores econômicos, religiosos e políticos.

Percebeu-se que as principais violências perpetradas contra as prostitutas eram de ordem subjetiva e implícita e tangenciavam as relações de gênero, bem como se constituíam em humilhações, opressões e desqualificações pela condição de mulher e pelos estigmas que fomentam a profissão. As violências também estavam nas tentativas dos clientes de desrespeitarem as regras presentes no consumo do sexo. Observou-se, ainda, violência simbólica no manejo das emoções originadas pela prostituição, especialmente, no esforço das prostitutas em não entrarem em contato com as próprias emoções.

A pesquisa apresentou limitações no que diz respeito ao tamanho da amostra e na diversidade sociodemográficas das participantes. Dessa forma, sugere-se novos estudos que busquem maior aprofundamento no que se refere às violências contra mulheres em situação de prostituição.

### **Referências**

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, v. 5, p. 129-140, 2001.
- ARAÚJO, L. B.; BANDEIRA, M. C. L.; SILVA, T. L. C. V. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. **Revista Pegada**, v. 16, n. 2, p. 364-377, dez. 2015.
- BRASIL. **Políticas Públicas para as Mulheres**. Brasília. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. 2012. Disponível em: <[http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2012/politicas\\_publicas\\_mulheres](http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2012/politicas_publicas_mulheres)>. Acesso em: 2 set. 2016.
- DINIZ, M. I.; QUEIROZ, F. M. A relação entre gênero, sexualidade e prostituição. **Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 1, n. 1, p. 2-16, jan./jun. 2008
- FARLEY, M. Very inconvenient truths: sex buyers, sexual coercion, and prostitution-harm-denial. **Logos, a journal of modern society & culture.**, Nova York, v. 16, n. 1-2, 2016.





MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. D. S. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. **Rev. bras. enferm**, v. 62, n. 5, p. 789-792, 2009.

MURRAY, L. **Um Beijo Para Gabriela**. Laura Murray, Beatriz Seigner. São Paulo. 2012.

PEREIRA, J. B.; FEIJÓ, M. E. V. Prostituição e preconceito: uma análise do projeto de lei gabriela leite e a violação da dignidade da pessoa humana. **Caderno de**

**Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 2, n. 1, p. 39-57. 2014.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

